

Bíblia e Migrações

*Alfredo José Gonçalves**

1 TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

Iniciemos cruzando dois textos, um bem longe do outro nas páginas bíblicas, mas ambos de uma importância fundamental, seja do ponto de vista do estudo teológico e exegético, seja do ponto de vista da reflexão que nos ocupa. O primeiro, do Livro do Deuteronômio (BÍBLIA, Deuteronômio, 26,5-10), é considerado pelos estudiosos uma espécie de “credo histórico”:

uma fé que reconhece o Deus vivo presente e agindo na história do povo. O acontecimento fundante dessa história é o fato de que Javé se aliou a um grupo de escravos para o libertar e lhe dar uma terra, onde poderia organizar uma sociedade alternativa justa e fraterna” (BÍBLIA, Deuteronômio, comentaristas, 26, 1-11).

O segundo, do Evangelho de Mateus (BÍBLIA, Mateus, 9,35-38), é apontado pelos mesmos comentaristas como “um resumo das atividades de Jesus, mostrando a raiz da ação dele: nasce da visão da realidade que o leva a compadecer-se, isto é, a sentir junto com o povo cansado e abatido” (BÍBLIA, Mateus, Nota dos comentaristas, 9, 35-38).

Duas expressões convergentes chamam imediatamente a atenção. Enquanto na primeira citação o Povo de Israel lembra que o pai Abraão era “um arameu errante”, na segunda Mateus afirma que “Jesus percorria”. Ambas as fórmulas indicam deslocamento no espaço, ambas trazem à lembrança a estrada e o viajante solitário ou acompanhado.

De um lado, temos a memória de um povo que reporta sua história a um patriarca nômade, cujos descendentes se fixam no Egito, sendo aí submetidos a uma dura escravidão. Depois, com a ajuda da fé em um Deus sensível a seu sofrimento, acabam por escapar das garras do faraó, caminham longamente pelo deserto até chegar a uma nova terra, a qual tem que ser conquistada com a força das armas. Portanto, um povo forjado nas pedras e nas curvas do caminho, na experiência da luta pela libertação. Dessa penosa trajetória, irá desenvolver-se uma teologia fundamentada na travessia do deserto, na “imponente imagem da marcha de um povo” (VON RAD, 1978).

* Missionário scalabriniano

De outro lado, o chamado resumo de Mateus dá razão aos estudiosos do Novo Testamento que se referem ao grupo de Jesus nas terras da Palestina como um “movimento itinerante”. Do ponto de vista sociológico, dizem os irmãos Stegmann, por exemplo, “a origem do movimento religioso que foi chamado depois cristianismo teve um pequeno grupo de homens e mulheres, em que Jesus de Nazaré desempenhou um papel central. Este grupo, constituído em um determinado momento dos anos 20 do século I, primeiro na Galileia, e designado, em geral, com o nome de “movimento de Jesus”, pertencia (...) ao judaísmo da terra de Israel” (STEGEMANN, 2001, p. 145). [A comunhão de vida com Jesus] “é demonstrada, de maneira positiva, no chamado ao ‘seguimento’ ou, no caso do grupo dos doze, a opção de ‘estar junto’ a Jesus, e, por conseguinte, também a aceitação de seu estilo de vida ‘itinerante’” (Ibid., p. 173). Voltando ao evangelista Mateus, o movimento de Jesus, “percorrendo cidades e aldeias”, tropeçava com as “multidões cansadas e abatidas”, das quais Jesus tinha “compaixão”. Também neste caso, o futuro cristianismo forja-se com os pés na estrada.

Confrontando agora os dois textos, chega-se à seguinte conclusão: se o Povo de Israel deve sua experiência fundante a uma trajetória que implicou a saída de uma terra de escravidão, a travessia do deserto e a conquista do território de Canaã, o cristianismo tem suas raízes num movimento que nasce e se desenvolve numa experiência itinerante de Jesus e seu grupo de discípulos. É o que atestam, ainda do ponto de vista sociológico, Norman K. Gottwal (1988) e Gerd Theissen (1991), respectivamente para o primeiro e o segundo casos.

Numa palavra, o conjunto dos livros que formam a chamada tradição judaico-cristã conhece bem de perto as agruras e as lições do caminho. Nos livros sapienciais, por exemplo, em especial os salmos, é comum o autor referir-se à “casa de Javé” como sinônimo de fortaleza, abrigo, rochedo ou rocha. Se é verdade que nossos sonhos são imagens invertidas de nossas carências, não se esconderá por trás dessas expressões o sonho de um povo acostumado às intempéries do caminho e da tenda? Na longa trajetória do judaísmo e do cristianismo, de tanto o povo bater os pés pelo caminho, este transforma-se numa metáfora privilegiada da provisoriedade e transitoriedade de todo ser humano sobre a terra. Estamos aqui de passagem: neste mundo somos todos estrangeiros, hóspedes saudosos da pátria definitiva.

Ecos dessa experiência de peregrino encontram-se na legislação israelita, em sua atenção para com os estrangeiros, como mostra o Livro do Levítico. Diz o texto:

Quando vocês fizerem a colheita da lavoura nos seus terrenos, não colham até o limite do campo; não voltem para colher o trigo que ficou para trás, nem as uvas que ficaram no pé; também não recolham as uvas caídas no chão: deixem tudo isso para o *pobre e o migrante* (BÍBLIA, Levítico, 19,9-10).

E logo adiante: “Quando um *imigrante* habitar com vocês no país, não o oprimam. O *imigrante* será para vocês um *concidadão*: você o amará como a si mesmo, porque vocês foram *imigrantes* na terra do Egito” (BÍBLIA, Levítico, 19,33-34). De resto, é bem sabido que o trinômio “órfão, viúva e *estrangeiro*” percorre as páginas de quase todo o Antigo Testamento.

No caso de Jesus, vemos os evangelhos sinóticos narrarem seu vaivém da Palestina ao Egito, e vice-versa, desde o ventre materno e os primeiros anos de vida. A marca da itinerância imprime-se bem cedo na existência de Jesus. Marca que o apóstolo Paulo – para citar apenas ele – levará ainda mais longe, em suas longas viagens, cruzando novas fronteiras em direção aos povos do paganismo. Não podemos esquecer, aliás, que o cristianismo dos primeiros séculos era reconhecido como “o caminho”.

Depois, no próprio desenvolvimento da teologia e do magistério católico, a expressão “Igreja peregrina” (PAULO VI, 1965) não deixa de ser um novo eco, bem recente, dessa marca de um povo acostumado a migrações frequentes em sua formação.

2 ALGUNS CASOS EXEMPLARES

A partir desse pano de fundo mais abrangente, em que toda a Bíblia é lida na perspectiva das migrações, podemos agora selecionar alguns textos exemplares do ponto de vista da mobilidade humana. Destacamos, entre eles, o Livro de Rute; dois salmos que se reportam à experiência do exílio na Babilônia; e a Primeira Carta de Pedro.

2.1 Livro de Rute

Ao abrir o Livro de Rute, deparamo-nos com a seguinte narrativa: num tempo de muita fome no país, Elimelec decide sair de Belém de Judá. Acompanhado da esposa Noemi e dos filhos Maalon e Quelion, parte para os Campos de Moab. Após a morte do marido, Noemi fica sozinha com os filhos. Estes logo casam, um com Órfã, outro com Rute. Depois, morrem também eles, e Noemi se vê novamente só, agora com as duas noras. Resolve então voltar a Judá, mas somente Rute se dispõe a acompanhá-la. Em Judá, por cumprimento da lei do levirato, Rute casa-se com Boaz, parente de seu falecido marido. Deste casamento nasce Obed, que será o avô de Davi, garantindo assim a terra, a família e a posteridade. Como se vê, trata-se de uma narrativa que está muito próxima das histórias que contam hoje os migrantes.

O livro constitui uma “história exemplar”, onde se coloca em cena o relacionamento entre israelitas e estrangeiros e a abertura da salvação para estes últimos. A narração opõe-se ao nacionalismo exacerbado do período pós-exílio, bem como a todo tipo de discriminação e preconceito para com povos de outras

nações. O relato está ambientado no tempo dos Juízes, isto é, no contexto pré-monárquico do ano 1100 aC. Porém, foi escrito por volta do ano 400 aC, quando os judeus retornavam do exílio babilônico. Trata-se de um gênero literário chamado *midrax*, o que significa elaboração livre sobre temas da Sagrada Escritura à luz da caminhada do povo. Utilizando o mesmo processo, podemos hoje interpretar a trajetória de Rute no universo intenso e complexo da mobilidade humana, que vem se acentuando na economia globalizada do neoliberalismo.

A partir de uma história familiar, o texto retrata a luta dos pobres em busca de seus direitos e de sua sobrevivência. Além disso, procura aprofundar o cumprimento da lei, ou até sua modificação quando ela não mais se presta à defesa incondicional da vida. O fato de Rute, uma estrangeira, ser a protagonista do livro revela que a salvação não tem fronteiras: o projeto de Deus ultrapassa os limites estreitos do nacionalismo e da exclusão social. Por outro lado, sendo mulheres, o protagonismo de Rute e Noemi desvenda uma vigorosa presença feminina num universo fortemente comandado pelo poder político e religioso dos homens. Apesar disso, em momento algum se vê esboçada uma crítica mais contundente à sociedade patriarcal de então.

Seguindo os passos de Noemi e Rute, no vaivém tumultuado de sofrimentos e lutas, podemos identificar um roteiro que, em grande parte, está em sintonia com o ir e vir dos migrantes atuais. Neste percurso, não será difícil resgatar as lições de vida, de fé e de esperança que os caminheiros de ontem e de hoje nos apresentam. São lições do caminho que se revestem de resistência, tenacidade e sabedoria. E são também portas abertas para refletir e lutar sobre a possibilidade de uma sociedade diferente, a partir de uma experiência histórica marcante.

2.2 Salmos 137 e 126

O Salmo 137 (136) apresenta uma súplica dos exilados na Babilônia. O exílio, a distância da terra natal e de sua gente, os torna tão tristes e abatidos que resolvem “pendurar suas harpas nos salgueiros”. Imagem forte de um povo que, fora da pátria, abdica de suas expressões culturais mais caras. “Como cantar um canto a Javé em terra estrangeira? (BÍBLIA, Salmos 137 [136])” – respondem, perplexos, aos opressores que lhes pediam canções.

Diante dessa imagem, não será difícil identificar os milhões de migrantes que, longe da terra onde deixaram enterrados seus próprios mortos, “penduram” a viola, o pandeiro, a sanfona, as danças e festas, os costumes e as comidas típicas, os encontros... Enfim, “penduram” uma tradição cultural de séculos e, junto com ela, muitas vezes a própria alegria de viver.

A alegria retorna com o retorno à pátria, no salmo 126 (127), “oração coletiva de súplica, fundamentada no agradecimento pela libertação do exílio”. Diz o texto: “Nossa boca se encheu de riso e nossa língua de canções (...) e por isso estamos alegres (BÍBLIA, Salmos 126 [127])”.

Em ambos os poemas bíblicos, tristeza e alegria vinculam-se diretamente à relação com o solo pátrio. Fora deste, é como se as raízes ficassem expostas ao sol, a planta tende a definhar e morrer. Estamos aqui diante de um sentimento fartamente cantado pelos poetas de todos os tempos. Tomemos o caso de Gonçalves Dias: *Minha terra tem palmeiras/ onde canta o sabiá/ as aves que aqui gorjeiam/ não gorjeiam como lá!* Ou ainda de Fernando Pessoa que, ao refletir sobre a aventura de seu povo pelos mares de todo mundo não hesita em concluir: *Valeu a pena/ tudo vale a pena/ se a alma não é pequena!* Poderíamos ainda acrescentar os poetas populares do samba brasileiro ou os lamentos dos nordestinos quando se encontram fora de sua terra. Exemplos clássicos são as canções de Luis Gonzaga, *Asa Branca* e *Triste Partida*, cujo extraordinário sucesso bastaria para mostrar como os temas da saudade e da solidão, ao lado da luta pela sobrevivência, estão presentes na saga de todos os migrantes.

2.3 Carta de Pedro

Um lar para quem não tem casa é o título conferido pelo comentário da Edição Pastoral da Bíblia, Paulus, à primeira carta de Pedro (1Pd). Segundo ele, a carta foi escrita “aos que vivem dispersos como estrangeiros no Porto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia” (BÍBLIA, 1º Pedro, Nota do comentarista, 1,1). É também o título do estudo clássico de J.H. Eliot (1985). Quem é o autor da carta, quando foi escrita e quem são seus destinatários?

Conforme os estudiosos e biblistas, não se trata de uma carta do apóstolo Pedro, mas de uma homenagem que o autor faz à sua figura. Diz Paulo Nogueira que “no mundo antigo era comum um autor se apoiar no nome de uma grande personalidade do passado. Fazia isso para buscar aceitação para o seu escrito e para mostrar sua ligação com esse mestre. Esse tipo de autoria se chama *autoria pseudônima*” (NOGUEIRA, 2002).

A carta foi escrita entre os anos 60 e 100 de nossa era, e dirigida aos *estrangeiros* que viviam nas comunidades da Ásia Menor, com a finalidade de prepará-los para um período de grandes provas e de perseguição. Sua mensagem procura reforçar uma espiritualidade de resistência entre os cristãos migrantes.

Voltando ao comentário da Edição Pastoral da Bíblia, vejamos como são definidos os destinatários da carta:

São migrantes que vivem fora da pátria, seja porque partiram em busca de trabalho para sobreviverem, seja porque eram escravos comprados que permaneciam na casa de seus senhores, longe do local de origem. Esses cristãos tinham deixado suas raízes, os parentes e amigos e se encontravam em situação de isolamento em regiões

que não lhes davam o aconchego e acolhida que tinham na própria terra. Sofriam humilhações, injúrias, perseguições por serem estrangeiros e cristãos (BÍBLIA, 1º Pedro, Nota introdutória do comentarista).

Como é fácil perceber, as características descritas nos parágrafos anteriores coincidem, em grande parte, com a situação concreta dos migrantes nos dias de hoje: a perda das raízes e das referências, a luta pela sobrevivência e por melhores condições de vida, a insegurança longe da própria terra e da pátria, os problemas enfrentados no dia a dia, o preconceito e discriminação de que são alvos fáceis. Os comentários de Alberto Antoniazzi (1987), sobre o mesmo texto, também ressaltam os conflitos desses cristãos estrangeiros com a sociedade em volta, bem como a necessidade da união entre eles como forma de resistência.

De acordo com Paulo Nogueira, “a primeira carta de Pedro oferece a esses desabrigados, de fato e de direito, uma casa, um abrigo, um referencial, um lugar onde se sentir em família, entre irmãos. Essa casa é a comunidade” (NOGUEIRA, *ibid.*). Claramente a noção de casa/família reporta-se aqui ao conceito de pátria.

3 CONCLUSÃO

Podemos colocar um ponto final em nossa reflexão dizendo que a verdadeira cidadania se reveste de uma dupla dimensão: por um lado, a satisfação dos direitos fundamentais à pessoa humana, no sentido de uma vida digna e justa. Por outro lado, o resgate da história e da cultura de cada pessoa, grupo ou povo. Evidente que ambas as exigências se tornam bem mais difíceis para quem vive fora da terra em que nasceu.

O migrante é simultaneamente negação e afirmação dessa plena cidadania. *Negação*, na medida em que, com seu vaivém em busca da sobrevivência, denuncia os mecanismos contemporâneos da concentração da riqueza e da renda, ao lado da exclusão social de amplos setores da população. Daí a migração apresentar hoje um quadro cada vez mais intenso, diversificado e complexo. *Afirmação*, por sua insistente esperança na procura de uma pátria, esteja ele onde estiver. Cada fuga se converte numa nova busca, cada ponto de chegada em um novo ponto de partida. Ele se torna, no fundo, um arauto da cidadania universal, portador da utopia que mantém de pé todos os peregrinos.

REFERÊNCIAS

ANTONIAZZI, A.. **A saída é... ficar**. O conflito dos cristãos com a sociedade segundo a primeira carta de Pedro”. Estudos Bíblicos nº 15, Ed. Vozes, Petrópolis, 1987.

- BIBLIA. A. T. Rute. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: contendo o Antigo e o Novo Testamento. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo & Euclides Martins Balancin. P.282-286
- BIBLIA. A. T. Salmos. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: contendo o Antigo e o Novo Testamento. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo & Euclides Martins Balancin. P.637-792
- BIBLIA. A. T. 1º Pedro. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: contendo o Antigo e o Novo Testamento. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo & Euclides Martins Balancin. P.1495-1501
- BIBLIA. A. T. Deuteronômio. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: contendo o Antigo e o Novo Testamento. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo & Euclides Martins Balancin. P.184-227
- BIBLIA. A. T. Mateus. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: contendo o Antigo e o Novo Testamento. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo & Euclides Martins Balancin. P.1180-1220
- BIBLIA. A. T. Levítico. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: contendo o Antigo e o Novo Testamento. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo & Euclides Martins Balancin. P.110-140
- ELIOT, J.H. **Um lar para quem não tem casa**. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro, Ed. Paulus, São Paulo, 1985.
- GOTTWALD, N. K. **As Tribos de Iahweh**. Uma sociologia da Religião de Israel liberta 1250-1050 a.C. Edições Paulinas, São Paulo 1986.
- GOTTWALD, N. K. **Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica**. Edições Paulinas, São Paulo, 1988.
- NOGUEIRA, P. A. S. **As Cartas de Pedro**. O Evangelho dos sem-teto. Série “Como lera a Bíblia”, Ed. Paulus, 2002.
- PAULO VI. **Ad Gentes**, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, Paulus, São Paulo, 2002.
- STEGEMANN, E.W. & STEGMANN, W. **Historia social del cristianismo primitivo**. Los inicios en el judaísmo y las comunidades cristianas en el mundo mediterráneo. Editorial Verbo Divino, Navarra, Espanha, 2001. pág. 145. (Tradução é livre).
Idem ibidem. Pág. 273. (Tradução livre).
- TEISSEN, G.. **A sombra do Galileu**: pesquisa histórica sobre Jesus em forma narrativa. Petrópolis, Ed. Vozes, 1991.
- VON RAD, G.. **Teologia del Antiguo Testamento**. Ediciones sígueme, Salamanca, Espanha, 1978, Vol. I, pág. 352.

RESUMO

Há duas maneiras de abordar o tema *Bíblia e Migrações*. A primeira é escolher alguns textos bíblicos, onde se fala explicitamente de deslocamentos humanos, e refletir sobre a realidade atual dos movimentos migratórios a partir de tais referências. A segunda é tentar uma releitura de toda a Bíblia na perspectiva do Povo de Deus a caminho, desde o patriarca Abraão – “um arameu errante” - até a experiência das comunidades cristãs nos primeiros séculos de nossa era. Nesse texto procuramos uma espécie de meio termo entre as duas vias. Ou seja, ao mesmo tempo que tomaremos alguns episódios privilegiados para a abordagem do binômio que nos serve de título, teremos como pano de fundo a saga histórica do Povo de Israel rumo à Terra Prometida, bem como a trajetória do movimento de Jesus, um “peregrino errante” nas terras da Palestina.

Palavras-chave: bíblia, migração, Israel, Terra Prometida

ABSTRACT

There are two ways to approach the topic of Bible and Migration. The first is to choose some biblical texts, where human displacement is explicitly mentioned, and to reflect on the current reality of migratory movements based on such references. The second is to try to re-read the entire Bible from the perspective of the People of God on the way, from Patriarch Abraham - “a wandering Aramaean” - to the experience of Christian communities in the first centuries of our era. In this text we look for a kind of middle ground between the two routes. That is, at the same time that we will take some privileged episodes to approach the binomial that serves as our title, we will have as a backdrop the historical saga of the People of Israel towards the Promised Land, as well as the trajectory of the Jesus movement, a “wandering pilgrim” in the lands of Palestine.

Keywords: bible, migration, Israel, Promised land